

Violência Simbólica em Não Lugares Organizacionais: um Estudo de Grafitos em Banheiros¹

SYMBOLIC VIOLENCE AT ORGANIZATIONAL NON-PLACES:
A STUDY OF GRAFFITI IN BATHROOMS

ALEXSANDRA NASCIMENTO DA SILVA² | LUIZ ALEX SILVA SARAIVA³

RESUMO

O lugar de um sujeito em uma organização é associado a uma identidade, que possibilita o desenvolvimento de relacionamentos e a construção de uma história associada ao que é de algum modo legítimo naquele ambiente. O que se não se encaixa nesse sentido faz parte de uma dinâmica organizacional marginal, que manifesta uma comunicação também marginal. Nosso objetivo neste estudo foi analisar a violência simbólica presente em manifestações informais da comunicação nos espaços da organização. Foi feita uma pesquisa iconográfica em banheiros de uma universidade pública. Esses espaços foram escolhidos por constituírem não lugares organizacionais, possibilitando condições para a expressão distinta da dos demais lugares da organização. Na pesquisa, baseada em fotografias, foram identificados grafitos, cujo conteúdo foi analisado, o que permitiu sua classificação conforme as temáticas abordadas. Os principais resultados revelam que a posição de anonimato e o fato de, momentaneamente, estarem desgarrados dos laços sociais hegemônicos na organização permitem que as pessoas escrevam em portas e paredes agendando encontros e tratem tabus, como as recorrentes referências à sexualidade. Contudo, apesar de ser um espaço, a princípio, livre de sanções, os resultados demonstram que essas manifestações são alvo de violência simbólica, o que deixa claro o que é aceitável mesmo em um lugar marginal.

Palavras-chave: Grafitos. Banheiro. Violência simbólica. Sexualidade.

ABSTRACT

The place of a subject in an organization is associated to an identity, which takes to development of relationships and the construction of a history connected to what is legitimated in that context. What is not adequate in this sense becomes part of a marginal organization dynamics, which shows a communication also marginal. In this study, we deal with symbolic violence present in informal manifestations of communication in organization spaces. It was made an iconographic research in bathrooms of a public university. This spaces have been chosen because they are organizational non-places, allowing conditions to different expressions from other places of organization. In this research, based on photographies, we have identified graffiti, analyzed through content analysis which has allowed classification according chosen themes. Main data reveal that anonymous position and the fact of, for a moment, subjects be free of hegemonic social relations in organization, allow that people write on doors and walls making appointments, and deal with taboos, as recurrent references to sexuality. However, besides bathrooms be spaces free of punishment in a fort look, results suggest that even marginal communications are target of a symbolic violence, what highlights what is acceptable even in a marginal place.

Keywords: Graffiti. Bathroom. Symbolic violence. Sexuality.

¹ Data de submissão: 06/10/2013. Data de aceite: 10/04/2015. Data de publicação: 20/06/2015.

² Bacharela em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: alexsandra.nsilva@gmail.com

³ Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais E-mail: saraiva@face.ufmg.br

INTRODUÇÃO

Tal como as demais instâncias da vida em sociedade, nas organizações, o espaço exerce influência sobre o comportamento do sujeito, parcialmente estruturando as relações sociais que ali se desenvolvem (PIMENTEL; CARRIERI, 2011), já que o lugar ocupado por um sujeito implica uma identidade, que possibilita relações aceitáveis naquele contexto. Nesta dinâmica, o que não se ajusta à norma estabelecida – sujeitos ou suas manifestações subjetivas – fica à margem. Passíveis de repressão nos espaços formais da organização, os conteúdos marginalizados terminam sendo expressos em espaços também marginalizados como, por exemplo, os banheiros, onde é comum a existência de grafitos, nos quais, entre outras temáticas, os sujeitos abordam conteúdos inaceitáveis em outros contextos organizacionais. Os grafitos ou escritos de banheiro são definidos, para fins deste trabalho, como inscrições produzidas em banheiros públicos (TEIXEIRA; OTTA, 1998). Essas inscrições podem ser constituídas por palavras, frases ou desenhos feitos por indivíduos de ambos os sexos (DAMIÃO; TEIXEIRA, 2009).

Os lugares delineiam as relações sociais, uma vez que são carregados de simbolismo; ocupar este ou aquele lugar, portanto, tem uma implicação social (PIMENTEL; CARRIERI, 2011). De acordo com Sá (2006), os lugares são simbólicos porque representam a relação de cada um dos seus ocupantes consigo mesmo e com o grupo, construindo uma história comum. Tais representações explicitam a todos que utilizam um determinado espaço físico quais as normas (concretas) e relações (simbólicas) ali vigentes. Para Daskalaki, Stara e Imas (2008), a forma como o espaço da organização é estruturado tem profundas implicações sobre a maneira pela qual as pessoas nela se comportam. O arranjo da estrutura física do espaço pode revelar relações de poder, posições de *status*, comportamentos, valores e controle. A organização espacial é importante também para promover determinada cultura organizacional, contribuindo para a formação de um comportamento e identidade.

Os lugares são classificados como tal, segundo Augé (2004), por serem identitários, relacionais e históricos. Se no lugar há uma relação forte entre o espaço e o social, no não lugar isso se perde. Os não lugares vão além de espaços físicos, constituindo também uma forma de relação entre os atores que ali se relacionam, segundo uma lógica funcional que preza a rapidez na satisfação das necessidades e de movimentação da sociedade (SÁ, 2006). Essa velocidade leva a uma ocupação efêmera do espaço, que não gera o mesmo sentimento de

pertencimento e de relacionamento existente com o lugar.

Dessa maneira, não se cria vínculo histórico com os não lugares. Eles são locais de trânsito, que as pessoas utilizam a fim de satisfazer uma necessidade imediata (SÁ, 2006). Segundo Barcellos (2007), eles são criados de forma artificial, e não a partir de uma história. De maneira semelhante, eles não são relacionais e nem identitários, são espaços despersonalizados. Dessa forma, é impossível estabelecer uma relação entre o indivíduo e o não lugar porque não há elementos com os quais as pessoas possam se identificar, visto que os não lugares são espaços uniformes (SÁ, 2006). O lugar, por sua vez, é identitário e estar ali revela muito sobre o sujeito, pois implica um vínculo. No não lugar, não é possível estabelecer esse tipo de relação e, por isso, ali prevalece o anonimato. Assim, não é possível um encontro verdadeiro entre as pessoas; por isso, o não lugar é um espaço de solidão. Contudo, há autores que, como Caiafa (2002), questionam a não possibilidade de “habitação” dos não lugares. Para ela, que estudou a sociabilidade de pessoas que utilizam o sistema de transporte urbano e que desenvolvem vínculos afetivos e sociais nesse contexto, é impossível falar que os lugares de trânsito não têm uma história porque não é possível haver vínculos. Ela sugere que os vínculos entre os indivíduos e os lugares – quaisquer que sejam eles – parecem ser imanentes à condição humana. Todavia, para os fins deste estudo, tomaremos os banheiros como não lugares por conta de suas características associadas à excreção, e ao desconforto de eventualmente se estabelecer vínculos com esse lugar necessário mas marginal.

Sem identidade, o sujeito se reconhece como pertencendo a nenhum grupo. Estando em um não lugar, assim, é como se estivesse momentaneamente desgarrado dos laços sociais (SÁ, 2006) e das forças coercitivas exercidas pelo grupo. Consoante Bauman (2001), nos espaços tidos como coletivos, ou em que convivem várias pessoas, é preciso que o sujeito evite fazer coisas que desagradem aos demais, sob pena de punição e obrigação de adequação, explicitando o poder coercitivo grupal. Porém, em condição de anonimato, em princípio tais sanções não seriam aplicadas.

É esta a ideia norteadora deste estudo: os conteúdos escritos nas portas de banheiro podem revelar muito sobre a organização em que são produzidos, visto que, por esse ser um não lugar organizacional, as pessoas teriam maior liberdade para expressar aspectos de sua subjetividade. Na sequência desta seção introdutória, o trabalho detalha referencial teórico, discutindo os conceitos

de violência simbólica e de marginalidade, além de contextualizar o banheiro e seus escritos. São apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, seguidos de seus resultados, analisados e discutidos. Na sequência, são apresentadas, em conjunto, uma discussão e as considerações finais do texto.

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

As organizações tendem a espelhar, em um ambiente micro, parte da dinâmica apresentada pela sociedade. Um desses fenômenos que é replicado no ambiente organizacional é a violência; ela é algo intrínseco às organizações, devido às relações de poder que ali se desenvolvem. Porém, a violência ultrapassa essas relações e se constitui em um mecanismo de manutenção da ordem preconizada pela organização, bem como forma de socialização desses preceitos (BOURDIEU; PASSERON, 1970; ROSA; BRITO, 2009; SIQUEIRA et al., 2009; BICALHO; PAULA, 2012). De acordo com Rosa e Brito (2009, p. 631), “violência” é um conceito amplo, pode ser entendida como “um impulso, um movimento, cuja força possui intensidade e irresistibilidade que, embora variem de caso para caso, garantem a essa forma uma capacidade mínima de coerção, de penetração, de vencimento de barreiras e de destruição, como condição para que seja concretizada”.

Para Bourdieu e Passeron (1970), a violência simbólica é um processo que resulta na imposição da cultura de uma classe dominante para os seus dominados. Desta forma, ocorre a hegemonia de comportamentos e valores tidos como “normais” e legítimos sobre suas variações, consideradas desviantes. A violência simbólica é uma conduta abusiva do agressor e que se expressa por meio de atos e de linguagens, o que afeta o indivíduo agredido em sua individualidade, dignidade e integridade física e psicológica. A violência simbólica é algo que se repete no tempo, levando a um quadro de destruição moral, e que culmina no adoecimento físico e psíquico do indivíduo que recebe a agressão. Ela envolve a inserção do indivíduo em um contexto constrangedor, mesmo que esse mal-estar ocorra de uma forma sutil ou mesmo imperceptível. Nesse contexto, o indivíduo é socializado de tal forma que sua projeção, identificação e individualização são lesados (CARRIERI; AGUIAR; DINIZ, 2013; ROSA; BRITO, 2009; BICALHO; PAULA, 2012).

A violência simbólica tem características comuns à violência verbal e à violência físico-estrutural, sendo “invisível” e pouco compreendida ao mesmo tempo que é legitimada naquele contexto.

Ela resulta de uma dominação que é produzida de tal forma que aquelas situações são tidas como naturais e, portanto, incontestáveis. Existe um discurso que naturaliza a distribuição assimétrica do capital simbólico e que, portanto, legitima a violência simbólica, um tipo de violência silenciosa, que se manifesta de forma sutil nas relações sociais (BOURDIEU; PASSERON, 1970; ROSA; BRITO, 2009). No ambiente organizacional, a violência termina por ser tomada como natural, e todos nesse contexto aprendem que devem identificar-se, sem resistir, aos poderes a que estão submetidos – sendo tal violência, portanto, considerada como algo essencial para o enquadramento dos indivíduos nas normas organizacionais (BICALHO; PAULA, 2012).

A violência simbólica se manifesta no ambiente organizacional como um conflito entre o que indivíduo quer expressar – seus desejos e sua singularidade – e a organização, que impede de fazê-lo naquele contexto, devido aos processos de gestão. Esta ignora as particularidades subjetivas dos sujeitos, gerando empecilhos a eles no mundo do trabalho (BICALHO; PAULA, 2012; CARRIERI; AGUIAR; DINIZ, 2013). Devido à pressão vivenciada no ambiente organizacional, para que ajustem seu comportamento ao que se espera deles, os sujeitos ocultam alguns aspectos da sua identidade como, por exemplo, a sua orientação sexual (SIQUEIRA et al., 2009; BICALHO; DINIZ, 2012). O que é ocultado para adequação às normas sociorganizacionais encontra vazão também nos grafitos em banheiros, dadas as particularidades desse espaço – o que será discutido na seção a seguir.

MARGINALIDADE E SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO E LINGUAGEM: UM OLHAR SOBRE OS BANHEIROS

De acordo com Bachiler (2009) e Marcuse (2007), o espaço é simbólico e delimitado de acordo com as relações de poder existentes na sociedade que o ocupa. Assim, existem locais mais ou menos privilegiados. Ocupar um ou outro é indicativo do *status* social do seu ocupante, e vice-versa. Desse modo, restam aos marginalizados os locais menos favoráveis, tornando-se marginal, por extensão, o local ocupado por eles. Marcuse (2007) argumenta que um espaço marginal é aquele à margem das condições usufruídas pelos detentores de maior poder social. Isso implica uma série de condições que agravam essa marginalidade, fazendo com que as pessoas permaneçam à margem.

Esse caráter marginal da escrita em paredes também é abordado por Bachiler (2009). Segundo

esse autor, os grafitos produzidos por moradores de rua são vistos pelos grupos dominantes como indícios de fraco controle social e chamariz para “patologias sociais” mais graves. Por isso, busca-se punir seus autores, impedindo-os de frequentar aquele local, e os seus grafitos são apagados. Situação semelhante se verifica quanto aos grafitos de banheiro: poucos os encaram como uma expressão de uma voz silenciada.

É possível caracterizar os banheiros como não lugares dentro da organização, no sentido de que são locais de passagem e ocupação efêmera, com os quais não é criada nenhuma identidade, nenhum vínculo histórico. É um local que não pertence a ninguém e ao qual ninguém quer pertencer (BARBOSA, 1984; AUGÉ, 2004; COUY, 2005). O banheiro, então, pode ser visto como um espaço desfavorecido: lugar das excreções, de tabus corporais que não se devem sequer ser mencionados, de aspectos fisiológicos que são negados pela cultura. O banheiro acaba, por consequência, constituindo-se um não lugar, um espaço de uso provisório e ao qual ninguém quer pertencer. De acordo com Couy (2005), o local destinado a tudo aquilo que o corpo elimina é um espaço desfavorecido e marginal. O banheiro emerge então como um espaço marginalizado, não frequentado por prazer e que não confere *status* a ninguém. Por isso, acolhe a linguagem marginal, recebendo em suas paredes aquilo que não tem espaço fora dali: xingamentos, confissões, manifestação de desejos. Ao contrário dos lugares organizacionais, assépticos, favorecidos, dedicados ao que é socialmente aceito, o banheiro pode ser o local das mensagens excluídas.

O sujeito que o frequenta pode ali assumir um comportamento que não assumiria em um lugar. Como o espaço é marginalizado, uma atitude marginal provavelmente não causaria tanto choque ali, diferentemente de se praticada em outro lugar. Assim, certos banheiros são um convite a determinadas práticas tidas como marginais, entre as quais a escrita em suas paredes. As palavras escritas nas portas de banheiro são postas ali possivelmente porque não “cabem” em outro contexto. Fora do banheiro, existe identidade, existe um papel social que precisa ser assumido e mantido. A pessoa que manifestou seu desejo na porta do banheiro não pode usar a mesma linguagem fora dali porque isso seria considerado inadequado e lhe traria consequências.

Os banheiros das organizações fogem do seu estrito controle, no sentido de que são espaços em que a privacidade é assegurada, onde não se pode vigiar. Existe uma relação dialética entre o que o espaço significa e como ele é significado

(DASKALAKI; STARA; IMAS, 2008). O espaço não existe de forma desconexa das práticas que nele acontecem. Como não lugares, os banheiros também apresentam a natureza dual apontada por Sá (2006) e Augé (2004), havendo indicações de que, mesmo estando só, o indivíduo busca o contato com o outro, o que é concretizado de uma maneira muito particular: os grafitos.

As pessoas podem reinventar o uso dos espaços organizacionais, atribuindo-lhes significações diferentes das inicialmente previstas pelos projetos arquitetônicos (DASKALAKI; STARA; IMAS, 2008). Assim, os escritos de banheiro caracterizam uma forma alternativa para o uso daquele espaço. Esse é um dos elementos do caráter transgressor dos grafitos de banheiros: seus autores não são meros usuários passivos e, dessa forma, infringem as normas de utilização do espaço, mesmo que se trate de um espaço não reivindicado por quem quer que seja. É importante não considerar o espaço de uma forma desgarrada das práticas que nele acontecem, pois ele é também uma construção social, passível de mudanças e de novas (e alternativas) significações, como o caso dos banheiros e da própria organização em que se inserem.

OS GRAFITOS DE BANHEIROS

Dentro das organizações, existe uma comunicação tida como formal, que se utiliza de canais e mecanismos estabelecidos e controlados pela organização. Além desta, há também um tipo de comunicação que, por não ser controlada como a primeira, é considerada informal. Ela não passa pelo filtro organizacional que determina o que é aceito ou não ali (ROBBINS, 2005). Por não serem controlados pela organização e por não se utilizarem dos mecanismos usuais de comunicação organizacional, os grafitos de banheiro podem ser caracterizados como manifestações de comunicação informal. No caso deles, além de a organização não ter controle sobre a mensagem, também não há controle sobre sua autoria, pois dentro da cabine do banheiro prevalece o anonimato.

No banheiro, o sujeito está só, despido e num momento de intimidade, em que revela não só a nudez do seu corpo como também seus desejos e pensamentos. Sozinho e no anonimato naquele não lugar, o sujeito momentaneamente se separa de seu grupo social e se despe de seus laços identitários. Temporariamente livre do poder coercitivo do seu grupo, pode fazer coisas “proibidas”, e assim, se desejar, dar vazão a manifestações de sua sexualidade, de seus desejos.

Escrever em locais públicos tem caráter transgressor, mas em um não lugar ninguém é culpado, e nos banheiros públicos isso é assegurado a chave – literalmente. Além disso, o teor dos grafitos muitas vezes também é transgressor, no sentido de que evocam tabus. Falar de tabus é quebrá-los e isso implica punição. Porém, nos banheiros, não lugares, os indivíduos conseguem se desvencilhar da punição. Grafitar é originalmente um ato de agressão, proveniente de pessoas conectadas a sentimentos de estarem separadas, excluídas ou negligenciadas, isto é, à margem. Escrever nas paredes seria como que um ato de vingança provocado por esses sentimentos e uma tentativa de dominar uma humilhação vivenciada de forma passiva, afirmam Teixeira e Otta (1998).

Ainda de acordo com essas autoras, o anonimato aumenta as chances de o indivíduo infringir as normas sociais e apresentar comportamento destrutivo e agressivo. Esse comportamento surge como uma reação a um ambiente opressor. Assim, os temas que os grafitos abordam podem ser indicativos tanto das temáticas proibidas dentro das organizações quanto das reações que esses conteúdos provocam.

METODOLOGIA

Para este estudo, utilizou-se a abordagem da pesquisa qualitativa, mais adequada para lidar com interpretações das realidades sociais, e trabalhou-se com dados visuais (BAUER; GASKELL, 2005), com o objetivo de analisar de que maneira as manifestações informais da comunicação expressam a violência simbólica nos espaços da organização. Este estudo foi realizado em banheiros públicos, devido a dois motivos principais: são não lugares dentro das organizações em que se inserem; e constituem-se em um canal para a comunicação informal dentro delas.

Uma universidade pública foi selecionada como objeto de observação, e por estes motivos: a) por ser um local de livre circulação de conhecimento e pessoas, frequentado por diversos grupos; b) devido à facilidade de acesso aos seus banheiros; e c) pela grande possibilidade de estes conterem grafitos. No total, foram visitados 78 banheiros de diversas unidades presentes dentro de um determinado *campus*, sendo 38 femininos, a mesma quantidade de masculinos e 2 mistos. Foram contemplados banheiros localizados em diferentes pontos dos prédios e adotou-se o procedimento de coletar os grafitos em banheiros pareados (o masculino e o feminino correspondente, e geralmente localizados próximos um ao outro), exceto nos casos dos banheiros mistos. A coleta de dados foi

efetuada no período entre dezembro de 2010 e janeiro de 2011, correspondente às férias letivas, o que diminuiu consideravelmente o número de pessoas presentes no *campus*, facilitando o acesso aos banheiros. Esse período trouxe como desvantagem, devido às férias, o fato de muitos banheiros estarem trancados, ao passo que em outros os grafitos estavam sendo apagados, de modo que alguns deles não puderam ser coletados.

Para fins desta pesquisa, considerou-se um grafito em banheiro como cada mensagem, verbal ou não verbal, produzida por um indivíduo dentro do espaço do banheiro público, utilizando-se de caneta, lápis, tinta ou similares (BARBOSA, 1984; DAMIÃO; TEIXEIRA, 2009; TEIXEIRA; OTTA, 1998). Os escritos de banheiro revelam crenças, comportamentos e atitudes dos indivíduos que os produziram de uma maneira não intrusiva, visto que elas são livremente emitidas. O indivíduo que deixou seu grafito em um banheiro se insere em um contexto no qual há regras e normas, e estas influenciaram, em maior ou menor grau, sua opção de escrever ali e também no conteúdo do escrito (OHNUKI-TIERNEY, 1996). Segundo Teixeira e Otta (1998), embora considerados por alguns como escritos sem sentido ou atos de vandalismo, os escritos de banheiro configuram uma importante fonte de pesquisa. Ainda de acordo com essas autoras, escreve-se nas portas de banheiro o que é conflituoso e silenciado em outros locais, como os tabus. Assim, os grafitos não são atos de vandalismo, mas uma via de expressão encontrada por grupos que tiveram sua voz calada em outros canais.

Em cada um dos banheiros, todos os grafitos foram fotografados. Posteriormente, eles foram classificados em categorias de conteúdo (BARDIN, 2011; VERGARA, 2012), de acordo com seus elementos visuais e percursos semânticos (SARAIVA, 2009). Essas categorias foram intituladas como: a) Insulto; b) Presença; c) Tabus; d) Diálogos; e) Metalinguagem; e f) Miscelânea.

Na categoria “Insulto”, inseriram-se os grafitos cuja temática principal envolveu uma agressão verbal ou não verbal, implícita ou explícita dirigida a um indivíduo ou a um grupo. De acordo com Rocha (2010), o insulto pode ser definido como uma expressão da linguagem dirigida a um receptor determinado, sendo que tal pronunciamento acarreta um dano. Para Pereira, Silva e Nunes (2009), o insulto está ligado a uma tentativa de exclusão do insultado do grupo.

Na categoria “Presença”, incluíram-se os grafitos cuja mensagem principal era a de identificar um indivíduo ou um grupo, por meio de nomes, siglas, apelidos, datas ou similares. Essa categoria possui um forte elemento de apropriação simbólica

do espaço, por meio de alguma característica de demarcação que diferencia o espaço não apropriado do apropriado, o que se traduz no uso, nesse território, de marcas individuais e identitárias do indivíduo que dele se apropria (PIMENTEL; CARRIERI, 2011). Já fica claro aqui que os banheiros, mesmo sendo “locais de passagem”, não estão isentos de formas específicas de apropriação, o que ratifica a perspectiva de Caiafa (2002).

A categoria “Tabus” englobou os grafitos cuja temática principal refere-se à sexualidade ou à escatologia, assuntos que, de acordo com Augras (1979), são tabus na sociedade ocidental. Essa categoria foi subdividida em “Sexualidade”, incluindo todos os grafitos cujo conteúdo era erótico; e em “Escatologia”, que englobou todos os escritos cujo conteúdo referia-se às secreções corporais ou às partes do corpo que as eliminam.

Na categoria “Diálogos”, incluíram-se todos os grafitos cujo objetivo principal era o de estabelecer algum tipo de interatividade com os usuários do banheiro. Considerou-se aqui o diálogo como uma interação bilateral caracterizada pela estrutura alternada dos interlocutores, assumindo o papel ora emissor, ora de receptor da mensagem (CHACON, 2011).

Na categoria “Metalinguagem”, foram incluídos os grafitos cuja temática principal versava sobre o ato de se escrever em paredes de banheiro. A metalinguagem constitui um discurso centrado sobre o código, é uma linguagem sobre a linguagem-objeto. Ela é considerada, neste trabalho, em um sentido amplo, remetendo não só à estrutura da língua, mas também à sua atuação em situações de comunicação. O metadiscorso insere o produto verbal na situação que o cria, integrando enunciado e enunciação (MELO, 2008).

Por fim, na categoria “Miscelânea”, estão os grafitos que não se enquadraram em nenhuma das categorias anteriores, seguindo o conceito de Houaiss, Villar e Franco (2004, p. 1933), para os quais miscelânea é um “conjunto confuso de coisas diferentes”.

No total, foram coletados 487 grafitos, sendo 50 provenientes de banheiros femininos, 352 de masculinos e 85 de banheiros mistos. Cada grafito foi inserido em apenas uma das categorias, sendo 50 classificados como “Insulto”, 77 como “Presença”, 121 como “Tabus”, 123 como “Diálogos”, 11 como “Metalinguagem” e 105 como “Miscelânea”. A partir dessa categorização, foram selecionados os grafitos cujo teor remetia a um insulto – nesta categoria, inseriram-se os grafitos cuja temática principal envolvia uma agressão verbal ou não verbal, implícita ou explícita dirigida a um indivíduo ou a um grupo.

Três imagens contendo grafito(s) representativo(s) dessa categoria foram trabalhadas por meio da análise de conteúdo, entendida como um método de análise de textos escritos, mas que também pode ser utilizada em imagens, como foi o caso desta pesquisa. Por meio dela é possível inferir, a partir de um texto, características do contexto social em que ele foi produzido (BARDIN, 2011). Os procedimentos da análise do conteúdo reconstruem a representação em duas dimensões principais: a sintática e a semântica. A primeira descreve os meios de expressão e influência e diz respeito ao modo como algo é dito ou escrito; a segunda dirige seu foco para a relação entre os sinais e os sentidos – denotativos ou conotativos – que assumem no texto (BAUER; GASKELL, 2005). A fim de operacionalizar esta análise, foram utilizados, em cada uma das imagens escolhidas, os seguintes procedimentos:

- descrição do banheiro em que a imagem foi coletada – diz respeito aos elementos que caracterizam o banheiro em que os grafitos foram coletados, de uma forma geral; compreende elementos tais como a localização do banheiro, se era feminino, masculino ou misto, descrição de seus elementos físicos e das suas condições de limpeza e conservação;
- contextualização da imagem em relação ao banheiro – refere-se a uma descrição mais específica do local representado pela imagem;
- descrição da imagem – apresenta, de uma forma geral, todos os elementos existentes na imagem;
- descrição do(s) grafito(s) – com relação aos elementos plásticos presentes e à maneira com que são apresentados;
- identificação e análise de possibilidades semânticas presentes nos grafitos, tanto de forma individual quanto conjunta, se necessário – refere-se à identificação e leitura de possibilidades de sentido para o(s) grafito(s) a partir dos seus elementos e das relações que apresentam entre si;
- identificação e análise das categorias de conteúdo.

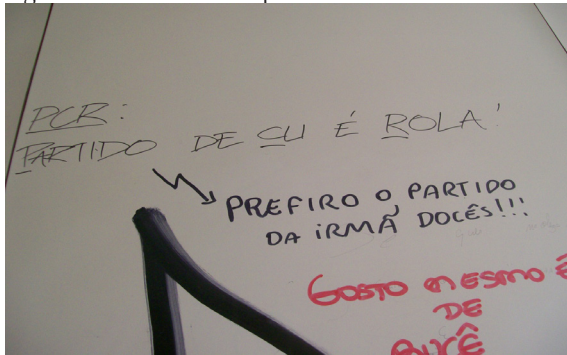
Considerou-se, durante a análise, que as imagens devem ser entendidas em seu contexto social, o que inclui não só a sua produção, como também o seu consumo, envolvendo tanto a sua narrativa interna – seus elementos – quanto a externa, isto é, o meio em que foi produzida (BANKS, 2009). O estudo de grafitos em banheiros é interessante, pois pode revelar muito sobre o imaginário de determinados grupos sociais (DAMIÃO; TEIXEIRA, 2009). Mesmo

que nem sempre o que é escrito seja condizente com a realidade e que esses escritos sejam, muitas vezes, feitos meramente para fins de recreação, é interessante considerá-los como porta de entrada para as representações humanas em diversos aspectos, entre eles o da ocupação e simbolismo do espaço e a revelação de tabus, sendo, portanto, um objeto adequado para este estudo.

RESULTADOS DA PESQUISA

A figura 1, a seguir, foi obtida de um banheiro misto, que estava repleto de grafitos.

Figura 1 – Grafito sobre partidos



Fonte: dados da pesquisa.

A julgar pelas diferenças de caligrafias e traços, supõe-se que existam três grafitos na figura. O primeiro deles, feito com caneta hidrocor, ponta fina, na cor preta, apresenta os dizeres “PCR: partido de cu (sic) é rola (sic)!” O texto está totalmente escrito em caixa alta e as palavras são dispostas de tal maneira que as letras “PCR”, seguidas por dois pontos, estão situadas na mesma linha, sublinhadas, e os demais dizeres se encontram na linha de baixo, sendo que as primeiras letras das palavras “partido”, “cu” e “rola” estão sublinhadas também.

O segundo grafito localiza-se logo abaixo do primeiro e mais recuado à direita. Feito com caneta hidrocor também na cor preta, mas com traço mais grosso do que o anterior, inicia-se com uma seta em ziguezague, orientada diagonalmente em sentido descendente, com a ponta voltada para a esquerda, seguida dos dizeres “Prefiro o partido da irmã docês (sic)!!!” Esse texto também foi redigido em caixa alta e disposto em duas linhas, sendo que a primeira encerra-se com a palavra “partido” e a segunda inicia-se ligeiramente mais à direita do que a primeira.

Abaixo, encontra-se o terceiro grafito. Escrito com caneta hidrocor, com traço ainda mais grosso do que os anteriores, em vermelho e também em caixa alta, aparenta constar os dizeres “gosto mesmo é de bucê (sic)”. Presume-se que a última

palavra seja esta pelo seu contexto, embora ela não apareça integralmente.

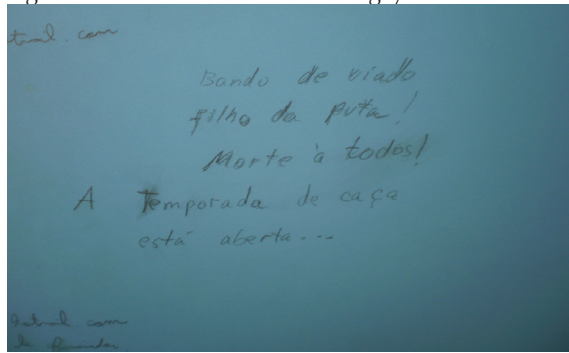
Um dos percursos semânticos para a interpretação do primeiro grafito seria o de que seu autor fez uma paródia à sigla “PCR”, atribuindo-lhe um novo significado. Neste caso, a sigla, que indica o Partido Comunista Revolucionário, recebeu uma interpretação alternativa, numa referência ao intercurso sexual anal. Uma possibilidade de interpretação desse grafito é a de que ele se constitui em um insulto às pessoas que compartilham da ideologia política desse partido, pois a menção a uma temática proibida, um tabu, é agressiva e, portanto, constitui um insulto (AUGRAS, 1989). Fazendo essa possibilidade sentido, o segundo grafito seria uma resposta agressiva, fazendo menção à relação sexual com a irmã do autor do primeiro grafito.

Outra possibilidade para o primeiro grafito não leva em consideração a menção a um partido político, pois pode ser que seu autor ignorasse sua existência. Neste caso, a referência não seria a um partido específico, mas algo criado pelo autor. Assim, ao afirmar que “partido de cu (sic) é rola (sic)”, ele poderia estar fazendo apologia ao sexo anal, prática considerada lasciva e um tabu em nossa sociedade (BARBOSA, 1984; AUGRAS, 1979; BORDIN, 2005). Nessa possibilidade de conteúdo, a referência do segundo grafito à irmã do autor do primeiro grafito, além de insulto, é uma menção ao órgão sexual feminino, indicado metonimicamente por uma pessoa do sexo feminino. Essa referência pode indicar, então, que ele prefere o intercurso sexual vaginal em vez de o anal. Essa afirmação seria reforçada pelo autor do terceiro grafito, que, ao afirmar “gosto mesmo é de bucê (sic)”, estaria reiterando a mesma preferência, visto que este termo “bucê” pode estar-se referindo ao órgão sexual feminino.

Podem-se compreender esses três grafitos como um conjunto, sendo que o primeiro seria o mais antigo deles e os demais, surgidos como resposta àquele, o que é indicado tanto pela sua temática como pela suas posições relativas, bem como por meio da seta, que sugere uma ligação entre o primeiro grafito e o segundo. Nesse sentido, o primeiro grafito aborda uma temática que faz menção a um tabu e os outros dois constituem uma tentativa de reparação da ordem, evocando o que seria uma prática mais “usual”. A temática do insulto permeia esses grafitos não só pela menção a um tema proibido mas também pela violenta reação que este evoca.

A figura 2 foi obtida de um banheiro masculino. Nela há um único grafito, encontrado do lado de dentro de uma das cabines.

Figura 2 – Grafito ofensivo contra gays



Fonte: dados da pesquisa.

Escritos a lápis, em letra de forma, estão os seguintes dizeres: “Bando do viado (sic) filho da puta! Morte à (sic) todos! A temporada de caça está aberta...”. Esse grafito está disposto em cinco linhas: a primeira termina com a palavra “viado”; a segunda, com “puta”; a terceira, com “todos!”; e a quarta, com “caça”. As três primeiras linhas estão alinhadas entre si, ao passo que a quarta é mais comprida que as demais, começando mais alinhada à esquerda do que as primeiras. As palavras “bando”, “morte”, “a” e “temporada” iniciam-se com letras maiúsculas.

No canto superior esquerdo da imagem, nota-se um fragmento escrito “tmail.com”, e no inferior “hotmail.com”, seguido de um texto ilegível. Esses fragmentos possivelmente são parte de endereços de e-mail, comumente encontrados em portas de banheiros, como meio de contato para agendamento de encontros. Dado o fato de o banheiro ser masculino, frequentado apenas por homens, eles provavelmente referem-se a encontros homossexuais.

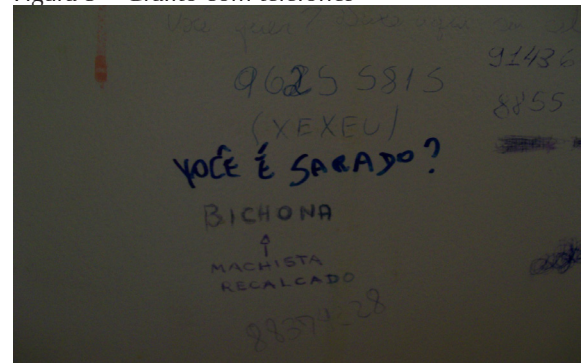
O grafito pode ser interpretado como uma ameaça dirigida aos homossexuais que frequentam o espaço, evocados pela palavra “viado”, insulto geralmente destinado a essas pessoas. Nesse sentido, provavelmente a grafia das palavras “morte” e “temporada” com letra maiúscula inicial teria sido intencional e pode, conotativamente, acentuar o sentido da ameaça. O insulto é explícito pelo uso das expressões “viado” e “filho da puta”, que são agressivas; e implícito pela ameaça da “caça”.

De acordo com Augras (1989), a punição devida ao transgressor de um tabu é a morte. Assim, o autor do grafito, ao condená-los à morte, indica que aquele tipo de comportamento é um tabu e que, por isso, não é tolerado. O grafito adquire, então, mais uma possibilidade de leitura: ao dizer que os homossexuais serão “caçados”, são atribuídas a eles, então, características não humanas – ou não “civilizadas” –, visto que o

que usualmente se caça são animais selvagens. Portanto, o comportamento homossexual, sendo considerado anormal, um tabu, é usado como justificativa para o insulto e para a ameaça contidos nesse grafito. Assim, a homossexualidade, como tabu, justifica o insulto e a medida corretiva, a “caça” dos animais desordeiros, que ousam viver a sexualidade de forma distinta do que é esperado.

A figura 3 apresenta diversos grafitos, obtidos também em um banheiro masculino. Devido às diversas caligrafias e instrumentos utilizados para escrita, assume-se que existem diversos grafitos nesta imagem. No topo, são visíveis os dizeres “Você quer? Deixe aqui seu cel” – essa mensagem está escrita a caneta, na cor azul e em letra cursiva. Logo abaixo desse elemento, encontra-se um segundo grafito: “9625 5815 (XEXEU)”. A mensagem dispõe-se em duas linhas, sendo que a primeira contém apenas a sequência numérica; o grafito foi escrito a caneta, na cor azul, em caixa alta. À direita desse grafito, encontram-se duas sequências numéricas: “9143 6” e, logo abaixo, “8855”. Abaixo desses dois elementos, existem dois rabiscos, sendo todos esses elementos feitos a caneta azul.

Figura 3 – Grafito com telefones



Fonte: dados da pesquisa.

Abaixo de “(XEXEU)”, encontra-se o terceiro grafito, escrito com caneta hidrocor na cor azul, totalmente em letras maiúsculas: “você é sarado?”. Abaixo deste, encontra-se o quarto grafito, escrito a caneta preta, também em maiúsculas: “bichona (sic)”. O quinto grafito é composto com uma seta na vertical, com a extremidade voltada para cima, apontando para o quarto grafito. Abaixo dela, estão os dizeres, em maiúsculas e com caneta azul: “machista recalcado”. Compondo a imagem, nota-se mais um elemento, localizado embaixo do quinto grafito, apresentando a sequência numérica “8837 4428”.

Como um conjunto, pode-se considerar que os grafitos listados interagem entre si, devido às suas

posições relativas e temáticas abordadas. Dessa forma, uma das possibilidades semânticas que eles apresentam é que o primeiro grafito seja um convite para um encontro, possivelmente homossexual, dado o fato de aquele banheiro ser um espaço frequentado exclusivamente por homens. Para o encontro ser combinado, o autor do grafito solicita o número do telefone celular. Essa possibilidade é confirmada pela presença de várias sequências numéricas que, provavelmente, correspondem a números de telefone. Nesse contexto, o segundo grafito seria, então, um desses telefones, e o único dessa imagem associado ao que provavelmente é um apelido: “XEXEU”.

O terceiro grafito pode ser entendido como uma tentativa do seu autor de estabelecer contato com a pessoa que produziu o grafito anterior. A pergunta sobre o seu porte físico pode ser entendida como uma tentativa de aproximação, que poderia culminar num encontro. O quarto grafito seria, então, um insulto à pessoa que produziu o anterior. Pode-se ir além: considerar que o insulto se dirige não a um indivíduo em particular, mas a todos os homossexuais masculinos. Nesse sentido, o insulto é uma tentativa de restabelecimento da ordem, alterada devido à transgressão de um tabu.

O grafito seguinte também dirige um insulto e, desta vez, o insultado é o autor do grafito anterior, que é chamado de “machista recalcado”. Neste caso, a construção do xingamento também passa pela via de insultar o homossexual – neste caso, o indivíduo insultado ter-se-ia manifestado contrário ao encontro devido ao seu desejo reprimido de participar de algo semelhante, sendo, por isso, também passível de insulto.

Esses elementos passam pela noção de que o insulto se dirige, muitas vezes, ao transgressor de uma norma. Constitui-se, então, em uma tentativa de restabelecer a ordem, no caso, a heteronormatividade (BICALHO; DINIZ, 2009; SIQUEIRA et al., 2009). De acordo com Teixeira e Otta (1998), as pessoas que xingaram os homossexuais masculinos poderiam estar fazendo isso para reafirmar os papéis sexuais hegemônicos que exercem na sociedade. Considerando a sexualidade como um tabu, essa seria uma forma de “reparar” a transgressão da manifestação de um desejo proibido.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Diante do exposto pela descrição e análise das imagens, pode-se perceber que existe uma maneira segundo a qual se espera que os indivíduos procedam quando estão em um lugar, pois ali há uma identidade envolvida, havendo

consequências para o sujeito caso a norma seja transgredida. Os insultos, categoria de conteúdo selecionada na descrição e análise das imagens, constituem objetivamente uma forma explícita de violência simbólica, uma vez que procuram “enquadrar” manifestações “fora da ordem”, definindo limites claros acerca de o que seria uma existência “normal”.

Embora à margem do que é aceito nos lugares organizacionais, tais conteúdos, tidos como inadequados, continuam latentes nos indivíduos (BICALHO; PAULA, 2013). Isso ocorre porque é impossível que eles consigam pleno ajuste às normas sociais e que possam, de fato, expressar tudo o que sentem com relação à vida em sociedade. A falta de espaços legitimados para a expressão leva a que os banheiros sejam eleitos como espaços “de ninguém”, em que são toleradas expressões marginais. Todavia, isso não significa que a expressão é livre e bem-vinda. Muito pelo contrário: observam-se violentas manifestações de repressão, o que sugere haver “ordem” e “limites” mesmo em lugares marginais.

Os banheiros, além de espaços marginalizados, conforme apontado por Couy (2005), são também não lugares organizacionais, o que implica desidentificação do sujeito durante o tempo que ali permanece. Dessa forma, é como se estivesse momentaneamente livre dos laços sociais e das normas que regulam o seu funcionamento. Os banheiros constituem um canal propício para a veiculação de toda sorte de conteúdo de linguagem não permitida nos lugares organizacionais. Contudo, mesmo essa expressão, mesmo nesses espaços, ocorre de maneira controlada. O próprio fato de tais manifestações serem relegadas às paredes de um local marginalizado implica controle organizacional sobre esse conteúdo. Assim, a expressão de tabus nos grafitos em banheiros, longe de subverter a ordem, é, na realidade, parte de um mecanismo que a reafirma. Em outras palavras, mesmo um não lugar parece existir na órbita de um lugar, pois o que aparentemente não é reafirma a existência do que o é.

Uma leitura dos grafitos em banheiro revela que eles simbolizam para os sujeitos que aquelas mensagens são “naturalmente” excluídas, “fora do contexto” dos lugares organizacionais “legítimos” e, mais ainda, que a elas restam apenas os locais menos favorecidos (PIMENTEL; CARRIERI, 2011). Essa marginalidade imposta a qualquer linguagem e/ou expressão “inadequada” sugere implicitamente aos sujeitos as sanções eventualmente impostas caso não se ajustem às normas sociais: também serão excluídos dos locais privilegiados da organização, bem como das oportunidades decorrentes de ocupá-los.

Embora os autores dos grafitos não sejam identificados e, dessa forma, se esquivem da punição, o conteúdo dos seus escritos é violentamente rechaçado, em uma lógica que deixa claro que toda e qualquer transgressão do tabu deve ser exemplarmente retratada. É preciso sinalizar categoricamente que aquela linguagem e conteúdo não são tolerados, o que leva a que tais sinais apareçam como respostas aos grafitos que expressam insultos e, por conseguinte, tabus (SILVA; SARAIVA, 2012), como ilustrado na figura 1. Isso corrobora a ideia de que os grafitos não têm o caráter emancipador da norma, mas são, sim, uma espécie de engrenagem do sistema que termina por reafirmá-lo, pois, mesmo anônimo, o transgressor de um tabu deve ser punido – nesse caso, insultado.

Além de insultos, muitas vezes os grafitos que expressam tabus são rabiscados, têm seu conteúdo alterado e seus autores ridicularizados, entre outras ações que podem ser interpretadas como formas de repressão ao teor ali expresso, bem como uma tentativa de reproduzir naquele espaço as mesmas normas vigentes nos demais lugares organizacionais. Tais ações sugerem que, embora os indivíduos estejam em um não lugar, a força da norma é tão evidente que, mesmo ali, dita o que é adequado ou não. A presença de insultos em banheiros ainda sugere que, mesmo em um espaço marginalizado, as pessoas são chamadas a se adequarem a um padrão social tido como aceitável dentro da organização. Essa sanção, exercida por um indivíduo também transgressor – no sentido de que escrever em paredes, mesmo reprimindo uma “desordem”, é um ato marginal –, demonstra que existem, mesmo ali, conteúdos que são tidos como mais adequados do que outros, reproduzindo o mesmo discurso existente nos lugares organizacionais.

Os não lugares, em contraponto aos lugares, em teoria, não são espaços relacionais ou históricos. Nesse sentido, não são criados vínculos entre os indivíduos e aqueles locais. De maneira semelhante, nos não lugares, os sujeitos estão como que destituídos de sua identidade, sendo ali, portanto, anônimos. Só que são os laços com o lugar que os pressionam a agir de acordo com as normas, pois as consequências dos seus atos têm ecos nas relações, na história e na identidade do indivíduo. Existe, então, todo um *status* em jogo e geralmente os indivíduos não estão dispostos a arriscá-lo, mesmo em não lugares. Isso leva a refletir sobre os controles para além da apropriação dos lugares: mesmo um espaço que ninguém reivindica para si, como um banheiro, se submete à mesma dinâmica política que os demais lugares “reivindicados”. Não

é o lugar, assim, o foco do controle, mas o sujeito, que se submete a relações sociais que regulam sua existência, esteja ele ocupando um lugar legitimado socialmente ou não.

Contudo, agir meramente de acordo com as normas sociais na organização não esgota todas as possibilidades do sujeito. É preciso um local no qual ele possa dar vazão aos seus desejos reprimidos, usualmente o banheiro (BORDIN, 2005). Os grafitos em banheiro, portanto, veiculam uma forma de comunicação subterrânea, que não utiliza os canais formais estabelecidos dentro da organização e que, por isso mesmo, permite o acesso a várias temáticas que não são contempladas pelas possibilidades organizacionais. É ainda curioso que, no caso deste estudo, tal dinâmica ocorra dentro de uma universidade, instituição que, teoricamente, estaria aberta à livre troca de ideias, para ser um espaço de discussão e produção de saberes, sendo, portanto, mais tolerante a diversas visões de mundo. Os dados da pesquisa sugerem que parece haver um afastamento entre o conceito e os princípios da universidade como instituição e as práticas sociais vigentes, aparentemente assemelhadas a qualquer outro contexto organizacional. Em outras palavras, a instituição é, na verdade, “habitada” por sujeitos sociais que atuam de acordo com a dinâmica da sociedade em que se inserem; se esta reprime qualquer forma de ameaça à “ordem”, eles também o farão, independentemente de onde estiverem.

Então, seria possível discutir não lugares na organização, uma vez que, conforme os dados sugerem, mesmo eles estariam sujeitos às regras dos lugares? Caiafa (2002) nos dá dicas da incompletude da noção de não lugares, já que a sociabilidade humana desconhece limitações teóricas. Isso significa que teorizar sobre onde não haveria apropriação de espaços, processos de territorialização, afetos em curso pode ser rigorosamente contraproducente em um contexto social mais rico e multifacetado do que a teoria é capaz de alcançar. Não se está aqui afirmando que os não lugares devem ser abandonados como referência teórica; mas precisam ser problematizados à luz dos desafios empíricos que lhe são colocados, como os grafitos analisados tão bem demonstram.

Este trabalho, que teve como objetivo analisar de que maneira as manifestações não formais da comunicação expressam a violência simbólica nos espaços da organização, foi levado a cabo e chegou a resultados interessantes, alguns dos quais previsíveis, como, por exemplo, que nem tudo cabe nos canais usuais de comunicação da organização, seja pelo seu conteúdo, seja pela linguagem utilizada, constituindo, portanto,

expressões marginalizadas, não apenas por poderem somente ser sussurradas "à margem" da organização, como por serem repreendidas por não estarem de acordo com o "adequado" em termos sociais. O espaço organizacional é constituído, portanto, além de por lugares, por não lugares. Como espaços de ocupação efêmera, esses espaços permitem aos indivíduos que passem como anônimos, sem vínculos ou relação com aquele espaço e, momentaneamente, livres de sua identidade, bem como dos papéis e relações sociais que exercem. O banheiro público emerge como um exemplo característico desses espaços, e exibe uma característica peculiar: abriga um canal informal de troca de mensagens, os grafitos em banheiros. Estes, como manifestações informais da comunicação, veiculam mensagens cujos conteúdos marginais não têm espaço nos lugares organizacionais, sendo relegados a um espaço que também é marginal no contexto organizacional. Todavia, conforme já mencionado, não se é "tão livre" assim nos não lugares. A lógica da apropriação é reafirmada mesmo quando é objeto de rejeição.

Este trabalho problematizou os espaços da organização e as práticas tidas como aceitáveis ou não em cada um deles, bem como as restrições para a expressão simbólica dos indivíduos neles, em diversos níveis. Não é casual que os banheiros veiculem toda uma comunicação subterrânea, o que sugere a restrição de canais para a livre expressão. Contudo, apesar de esses serem espaços marginalizados, demonstrou-se que as normas sociais vigoram também neles, com o insulto indicando uma tentativa de enquadramento dos indivíduos, mostrando quais temáticas são aceitáveis naquele espaço ou não. Dessa forma, esta pesquisa permitiu problematizar escritos em banheiros dentro do contexto organizacional, indo além de outras pesquisas semelhantes, cujo foco era o próprio grafito apenas ou o indivíduo que o produziu. Os grafitos em banheiro foram interpretados como manifestações sociais, que possibilitavam o acesso a diversas questões presentes no contexto da organização, mas que tinham sua veiculação restrita.

A funcionalidade da construção organizacional, como estrutura social, de acordo com esta pesquisa, instrumentaliza as possibilidades de manifestação da sociedade, relegando a um plano marginal qualquer tipo de expressão que não seja estritamente vinculada ao que está de acordo com os objetivos da organização. Pode-se inferir que, desta forma, não só o conteúdo e a linguagem das mensagens são controlados e submetidos: as pessoas que os produzem também passam por esse processo. Ao definir que tipo de mensagem pode

ser veiculada, a organização social manifestada na estrutura organizacional dita normas sobre o comportamento dos sujeitos ali dentro, limitando-os, por conseguinte, ao projeto organizacional.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da modernidade. 4. ed. Campinas: Papirus, 2004. 112 p.
- AUGRAS, M. **O que é tabu?** São Paulo: Brasiliense, 1989. 78 p.
- BACHILLER, S. Significados del espacio público y exclusión de las personas sin hogar como un proceso de movilidad forzada. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, Madrid, n. 128, p. 125-137, Oct./Dec. 2009.
- BANKS, M. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 176 p.
- BARBOSA, A, G. **Grafitos de banheiro**: a literatura proibida. São Paulo: Brasiliense, 1984. 201 p.
- BARCELLOS, V. Não-lugares: uma idéia fora do lugar. **P@ranoá eletrônico**, Brasília, v. 9, p. 1-10, maio 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 2011. 280 p.
- BORDIN, D. J. **Inscrições de si**: da porta de banheiro ao chat. 2005. 79 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2005.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 516 p.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 260 p.
- BICALHO, R. A.; DINIZ, A. P. R. Violência simbólica e homossexualidade: um estudo em capitais brasileiras. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXXIII, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2009.
- _____; PAULA, A. P. P. Empresa júnior e a reprodução da ideologia da administração. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. X, n. 4, p. 894-910, dez. 2012.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Lisboa: [s.n.], 1970.

- CAIAFA, J. **Jornadas urbanas**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 183 p.
- CARRIERI, A. P.; AGUIAR, A. R. C.; DINIZ, A. P. R. Reflexões sobre o indivíduo desejante e o sofrimento no trabalho: o assédio moral, a violência simbólica e o movimento homossexual. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 165-180, mar. 2013.
- CHACON, J. C. Teoria do diálogo: uma contribuição para a atividade didática. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 51-67, nov. 2011.
- COUY, V. B. **Mural dos nomes impróprios**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005. 120 p.
- DAMIÃO, N. F.; TEIXEIRA, R. P. Grafitos de banheiro e diferenças de gênero: o que os banheiros têm a dizer? **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 1-10, 2009.
- DASKALAKI, M.; STARA, A.; IMAS, M. The 'parkour organization': inhabitation of corporate spaces. **Culture and Organization**, Abingdon, v. 14, n. 1, p. 49-64, Mar. 2008.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. Miscelânea. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- MARCUSE, P. Putting place in its space: reassessing the spatiality of the ghetto and advanced marginality. **City**, Abingdon, v. 11, n. 3, p. 378-383, Dec. 2007.
- MELO, L. N. T. A função metalinguística na narrativa oral: um mecanismo de avaliação. In: MOURA, D. **Os desafios da língua**: pesquisa em língua falada e escrita. Maceió: Edufal, 2008. p. 119-122.
- OHNUKI-TIERNEY, E. The anthropology of the other in the age of supermodernity. **Current Anthropology**, Chicago, v. 37, n. 3, p. 578-580, June 1996.
- PEREIRA, B.; SILVA, M. I.; NUNES, B. Descrever o *bullying* na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. **Diálogos Educacionais**, Curitiba, v. 9, n. 28 p. 455-466, set./dez. 2009.
- PIMENTEL, T. D.; CARRIERI, A. P. A espacialidade na construção da identidade. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. IX, n. 1, p. 2-21, mar. 2011.
- ROBBINS, P. **Comportamento organizacional**. São Paulo: Prentice Hall, 2005. 560 p.
- ROCHA, R. C. "Mulher de vida livre": a violência simbólica dos insultos nos processos criminais de Fortaleza (1929-1930). SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA & POLÍTICA, II, 2010, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2010.
- ROSA, A. R.; BRITO, M. J. Ensaio sobre violência simbólica nas organizações. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 16, n. 51, p. 629-646, out./dez. 2009.
- SÁ, T. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Artitextos**, Lisboa, v. 3, p. 179-188, dez. 2006.
- SARAIVA, L. A. S. **Mercantilização da cultura e dinâmica simbólica local**: a indústria cultural em Itabira, Minas Gerais. 2009. 333 f. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- SILVA, A. N.; SARAIVA, L. A. S. Tabus organizacionais a olhos vistos: um estudo em banheiros. COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE PODER LOCAL, XII, 2012, Salvador. **Anais...** Salvador: CIAGS/UFBA, 2012.
- SIQUEIRA, M. V. S.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P.; LIMA, H. K. B.; ANDRADE, A. J. A. Homofobia e violência moral no trabalho no Distrito Federal. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 16, n. 50, p. 447-461, jul./set. 2009.
- TEIXEIRA, R. P.; OTTA, E. Grafitos de banheiro: um estudo das diferenças de gênero. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, n. 2, p. 229-250, jul./dez. 1998.
- VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2012. 288 p.